



**Universidade Federal da Bahia  
Instituto de Letras  
Departamento de Letras Românicas**

Rua Barão de Geremoabo, nº147; CEP: 40170-290 Campus Universitário - Ondina, Salvador - BA  
Tel.: (71) 3283-6214/ Fax: (71) 3336-8355 E-mail: [let05@ufba.br](mailto:let05@ufba.br)

**O PREENCHIMENTO DE FinP E A PERDA DO EFEITO V2 NA  
HISTÓRIA DO ESPANHOL E DO PORTUGUÊS**

**PROJETO DE PESQUISA**

**Pesquisador:**

Prof. Dr. Carlos Felipe da Conceição Pinto

**SALVADOR  
2013**

## SUMÁRIO

<b>1.</b>	<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>3</b>
<b>2.</b>	<b>PROBLEMA E HIPÓTESE</b>	<b>5</b>
<b>3</b>	<b>OBJETIVOS</b>	<b>7</b>
<b>3.1.</b>	<b>Objetivos gerais</b>	<b>7</b>
<b>3.2.</b>	<b>Objetivos específicos</b>	<b>7</b>
<b>4.</b>	<b>JUSTIFICATIVA</b>	<b>7</b>
<b>5.</b>	<b>REFERENCIAL TEÓRICO</b>	<b>8</b>
<b>6.</b>	<b>DESAFIOS CIENTÍFICOS E METODOLOGIA</b>	<b>11</b>
<b>7.</b>	<b>RESULTADOS ESPERADOS</b>	<b>16</b>
<b>8.</b>	<b>CRONOGRAMA</b>	<b>17</b>
	<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>18</b>

## 1. INTRODUÇÃO

A partir dos anos 80 com o desenvolvimento da Teoria de Princípios e Parâmetros (CHOMSKY, 1981, 1986) e o trabalho pioneiro de Lightfoot (1979), procurando explicar a mudança lingüística dentro deste quadro mentalista da gramática gerativa, vários estudos começaram a ser realizados para descrever e explicar a mudança lingüística em diferentes línguas. No âmbito das línguas românicas, um enfoque especial tem sido dado às diferenças entre as fases antigas e as fases modernas no que diz respeito à sintaxe da ordem de palavras e à posição do verbo na oração. Uma hipótese amplamente defendida é a de que as línguas românicas antigas, em contraposição às suas variedades modernas, se comportavam como línguas V2, à semelhança das línguas germânicas atuais (ADAMS, 1987, para o francês antigo; FONTANA, 1993, para o espanhol antigo; RIBEIRO, 1995, para o português antigo; TORRES MORAIS, 1995, para o português clássico; BENINCÀ, 1995, para dialetos do italiano)<sup>1</sup>.

Mais recentemente, Pinto (2011), Gibrail (2010) e Antonelli (2011) retomaram as propostas de que o espanhol antigo e o português clássico possuíam uma gramática V2. Pinto (2011), por exemplo, encontra, no espanhol antigo, uma série de construções que não são possíveis mais no espanhol atual e são encontradas em línguas germânicas tais como: ordem O-V sem duplicação clítica “generalizada”; construções de *object shift*; ordem Auxiliar-Sujeito-Verbo; fronteamto estilístico; restrições da cópula em primeira posição. Antonelli (2011) mostra casos semelhantes para o português clássico e faz uma análise quantitativa considerando a função sintática do primeiro constituinte antes do verbo (considerando as ordens XP-V e S-V) e mostra que a porcentagem de ordem XP-V passa de 55% no século XVII para 18% no século XVIII, chegando a 15% no século XIX, o que indica para o autor que o português europeu deixou de ser um sistema V2 para ser um sistema S-V. Evidências de que o espanhol antigo, o português antigo e o português clássico eram sistemas V2 podem ser vistas de forma sintetizada nos exemplos em (1) a (3) respectivamente a seguir:

- (1) a. aquí comienza el libro de la flor de las historias de oriente  
 b. E esta carta otorga la abatíssima Sancha Garciez, e la priora doña María Fortúnez e tod el convento.

---

<sup>1</sup> Há outros trabalhos, no entanto, que defendem a idéia de que as línguas românicas antigas não eram sistemas V2 (KAYSER, 1999; RINKE, 2003; CRUSCHINA e SITARIDOU, no prelo). Ver a discussão de Pinto (2011) para uma contra-argumentação a essas análises.

- c. a dios debe hombre adelantar y **poner** primeramente. en todos los buenos hechos que quisiere començar.  
(PINTO, 2011, p. 255)
- (2) a. E esto lhi fazia o prazer que avia em cuidar sempre nas cousas celestiaes  
b. Bem sei eu ainda algũa cousa deste santo homen  
(RIBEIRO, 1995, p. 100)
- (3) a. Muito gostou o Fidalgo de o ouvir.  
b. Cada dia vão os Padres visitar os enfermos.  
(TORRES MORAIS, 1995, p. 280-281)

Para explicar a mudança lingüística do espanhol, Pinto (2011) assume a proposta de Lightfoot (1991) de que a mudança no ambiente pode produzir alteração paramétrica e a proposta de Roberts e Roussou (2003) de que, na falta de evidências para a fixação de um determinado parâmetro, a criança aciona “um mecanismo de segurança” e fixa a opção menos marcada do parâmetro. Lightfoot (1995) discute a aquisição do efeito V2 e argumenta que a evidência que uma criança tem para fixar o “parâmetro V2” é o fato de ouvir qualquer XP em primeira posição precedendo o verbo finito. Neste sentido, Pinto (2011) propõe que, no caso do espanhol antigo, uma redução na frequência da ordem O-V sem duplicação clítica foi o responsável pela mudança paramétrica nas gerações seguintes<sup>2</sup>.

No entanto, Kroch (1989), ao discutir o papel da estatística na análise da mudança lingüística, retoma a discussão de Adams (1987) para o francês e mostra que, quando o francês perde a propriedade V2 (expressa robustamente pela ordem XP-V), todas as outras construções relacionadas são perdidas também. Neste mesmo sentido, conforme aponta Ilza Ribeiro, em comunicação pessoal, a diminuição da ordem O-V sem retomada clítica não parece ser a causa da mudança já que havia outras construções típicas de línguas V2. A alteração na ordem O-V, por si só, não parece ser suficiente para desencadear a mudança lingüística do espanhol; por outro lado, parece ter sido uma consequência dela.

---

<sup>2</sup> De fato, Fontana (1993) e Pinto (2011) encontram uma redução da ordem O-V sem duplicação clítica (embora não registrem um aumento das construções de deslocamento à esquerda clítico, que representam a contra-parte da ordem O-V sem duplicação, conforme aconteceu com o francês).

## 2. PROBLEMA E HIPÓTESE

Den Besten (1989) propõe que, em orações matrizes de línguas V2 como o alemão e o holandês, o verbo esteja localizado em CP, posição mais alta da oração, dada a distribuição complementar entre orações matrizes e subordinadas (a mesma ordem encontrada entre conjunção e demais constituintes, especialmente elementos clíticos, nas orações subordinadas, é encontrada nas orações matrizes com o verbo).

Roberts (2004) propõe que o núcleo Fin<sup>o</sup> (tendo em mente o CP cindido de RIZZI, 1997<sup>3</sup>) pode estar realizado ou pode estar nulo. Quando este núcleo está realizado, pode ser realizado através do movimento de um constituinte, no caso, o verbo, ou pode ser realizado através da concatenação de uma partícula. Além disso, propõe que a posição de pouso do verbo finito nas línguas V2 é justamente este núcleo Fin<sup>o</sup>.

Fernández-Ordóñez (2009) e Ribeiro e Torres Morais (no prelo) registram casos de orações subordinadas com “duplo que” nas fases antigas do espanhol e do português respectivamente como se ilustra em (4) a seguir<sup>4</sup>:

- (4) a. Dizen **que un mancebo d’aquellos estrelleros e fechizeros e d’aquellos encantadores de Egipto** **que** era de los mejores omnes de la tierra e casara con una mugier muy fermosa. (adaptado de FERNDÁNDEZ-ORDÓÑEZ, 2009, p. 20)
- b. e rogamos-vos **que essas joyas que ella leixou** **que as** mandees dar ao dito Joham Fernandez. (adaptado de RIBEIRO e TORRES MORAIS, no prelo)

Assim, o problema principal desta investigação é discutir a hipótese de Ribeiro e Torres Morais (no prelo) sobre o papel que as construções com “duplo que” desempenharam na perda do movimento do verbo para CP no português e relacioná-la com os dados do espanhol antigo, tendo em conta que essas construções são concorrentes às construções V2.

<sup>3</sup> Rizzi (1997) faz uma discussão sobre a existência de múltiplas projeções no CP levando ao entendimento de que o CP é um campo. A sua proposta para o campo CP pode ser sintetizada como em (i):

(i) [ForceP TopicP FocusP TopicP FinP] IP

Trabalhos posteriores, como o de Benincà (2006), rediscutem a proposta de Rizzi (1997) chegando a um refinamento das projeções contidas no CP. Como na análise de Roberts (2004) e Pinto (2011), entre outros, que mantemos como pressuposto teórico neste projeto, o que está em jogo na manifestação do efeito V2 são as projeções de ForceP e FinP, os refinamentos posteriores à proposta inicial de Rizzi (1997) são irrelevantes para a presente discussão já que em todos esses refinamentos ForceP é a projeção mais alta e FinP é a projeção mais baixa do CP.

<sup>4</sup> Essas construções, embora inexistentes nas variedades cultas atuais das duas línguas, são encontradas em registros populares, como registram Demonte e Soriano (2009) para o caso do espanhol.

Pode-se tomar por hipótese, portanto, que o verdadeiro gatilho para a perda do movimento do verbo para CP, culminando numa gramática não V2, não foi a redução da ordem O-V sem clítico, mas a emergência das construções com “duplo que”.

Em termos de derivação, a operação de concatenação (*merge*) é mais econômica que a operação de movimento para satisfação de algum traço EPP; assim, quando a conjunção mais baixa é concatenada em Fin<sup>o</sup>, não há posição no CP para a qual o verbo possa se mover. Em outras palavras, seguindo a proposta de Ribeiro e Torres Morais (no prelo), o preenchimento de Fin<sup>o</sup> com um segundo “que” (além do “que” efetivamente subordinante concatenado na projeção mais alta, que é Force<sup>o</sup>) é uma alternativa menos marcada que o movimento do verbo para a satisfação do EPP em FinP no português antigo. Considerando a história lingüística bastante parecida do espanhol e do português (cf. MARTINS, 2003), é interessante averiguar se no espanhol os mesmos fatos são registrados a fim de verificar se esta correlação é realmente o gatilho para a perda do efeito V2 nas duas línguas.

### **3. OBJETIVOS**

#### **3.1. Objetivos gerais**

- Analisar a perda do efeito V2 na história do espanhol em comparação com dados da história do português.

#### **3.2. Objetivos específicos**

- Fazer um estudo comparativo da ordem de palavras, enfatizando a periferia esquerda, no português e no espanhol antigos;
- Entender o papel das construções com “duplo que” na satisfação do EPP de FinP e na manifestação do efeito V2;
- Entender a relação sócio-histórica do espanhol e do português e o papel dessa relação na perda do efeito V2 nas duas línguas.

### **4. JUSTIFICATIVA**

Esta pesquisa se justifica a partir de várias perspectivas.

Do ponto de vista teórico, se justifica porque visa uma discussão das características dos itens funcionais das línguas humanas (no caso, FinP), que são os responsáveis pela variação lingüística dentro do Programa Minimalista, de Chomsky (1993) e trabalhos subseqüentes.

Do ponto de vista da mudança lingüística, se justifica porque oferecerá uma discussão sobre o papel da aquisição da linguagem na mudança lingüística, que deve ser o ponto central nos estudos gerativistas diacrônicos.

Do ponto de vista histórico, se justifica porque comparará dados do português com o espanhol em suas fases antigas, línguas que compartilham uma história bastante parecida, o que permite entender um pouco melhor o papel das relações sócio-históricas na mudança lingüística a partir de uma visão gerativista.

## 5. REFERENCIAL TEÓRICO

O quadro teórico no qual a análise formal deste trabalho se insere é a Teoria de Princípios e Parâmetros na versão do Programa Minimalista, que foi proposta a partir de Chomsky (1993). Nesta versão da Teoria de Princípios e Parâmetros, tudo o que não é conceitualmente motivado é descartado da análise. Chomsky (1993) faz uma redução dos quatro níveis de representação (Estrutura Profunda, Estrutura Superficial, Forma Lógica e Forma Fonológica) da versão anterior para apenas dois níveis (Forma Lógica e Forma Fonológica), que são os únicos conceitualmente motivados.

Os itens lexicais são selecionados do léxico e entram na derivação da oração a partir de uma numeração, que é o conjunto dos itens lexicais que devem ser exauridos na respectiva derivação. As orações são construídas a partir de duas operações básicas: concatenação (*merge*) e movimento (*move*). Concatenação, também chamada de *merge* externo, retira os elementos da numeração e os insere na derivação. Movimento, também chamada de *merge* interno, move os elementos já inseridos na derivação através da concatenação.

O Programa Minimalista é construído a partir de outro princípio relevante: a economia derivacional. A economia derivacional prevê que se duas numerações têm os mesmos itens, aquela que tiver uma derivação com menor número de passos é a mais econômica, portanto a derivação escolhida pela faculdade da linguagem. Este princípio estabelece, conseqüentemente, que a operação movimento só pode ser realizada com alguma motivação, em geral, como último recurso para checagem de traços. Desta forma, é banida da análise lingüística, por exemplo, a postulação de uma operação de movimento somente para dar conta da ordem linear.

Com relação à ordem e a hierarquia de constituintes, assumo a proposta de Kayne (1994). Na proposta da antissimetria, Kayne (1994) determina que todas as línguas têm uma ordem básica subjacente uniforme (por exemplo, todas as línguas têm a ordem núcleo-complemento), e as possíveis alterações desta ordem são derivadas a partir de algum tipo de movimento de constituinte, que é exclusivamente para a esquerda, que faz com que o elemento movido seja adjungido à esquerda do elemento que o hospedará.

Antes de entrar na derivação, os itens lexicais são dotados de traços que podem ser formais, fonológicos e semânticos. Os traços devem ser checados em algum ponto da derivação. Se os traços são fortes, a checagem deve ser feita antes do *spell-out*, ou seja, na sintaxe visível,



antes do ponto em que a oração é enviada para a forma fonológica para ser pronunciada; se os traços são fracos, a checagem pode ser feita após *spell-out*.

Uma derivação é convergente, ou seja, tem um resultado gramatical, se satisfaz o Princípio da Interpretação Plena (*Full Interpretation Principle*), que determina que todos os traços sejam checados nos seus respectivos níveis de representação: traços fonológicos são checados no componente fonológico e traços semânticos são checados no componente semântico. Se algum traço permanece não checado, a derivação não converge e a oração resultante é agramatical.

Em adição, assumo a proposta da cartografia da estrutura sintática proposta inicialmente por Rizzi (1997). A partir dos trabalhos de Larson (1988) sobre a estrutura do VP e de Pollock (1989) sobre a estrutura do IP, Rizzi (1997) propõe que a projeção CP tenha mais que uma simples camada XP, devendo ser entendida como um campo (assim como IP se desmembra em outras projeções como TP e AgrP).

Sintetizando a discussão de Rizzi (1997), o CP deve ser entendido como o nível de interface entre a oração e uma estrutura superior (que pode ser entendida como uma oração matriz que seleciona uma oração subordinada ou como a articulação do discurso/estrutura da informação). Desta maneira, o CP deve conter dois sistemas que providenciarão informações importantes para a interpretação sintática e semântica das orações: o Sistema Força-Finitude (*Force-Finiteness System*) e o Sistema Tópico-Foco (*Topic-Focus System*). O Sistema Força-Finitude providenciará informações de se a oração é declarativa, interrogativa, exclamativa, adverbial, comparativa, relativa etc. e se o verbo da oração é um verbo finito ou infinito. Por outro lado, o Sistema Tópico-Foco irá conter outras informações discursivas independentes das restrições de seleção contidas nas orações, como os pares “tópico-comentário” e “foco-suposição”. Como tópico e foco são posições A-Barra, isto é, posições não argumentais, os elementos que se movem para essas posições devem ser saturados casual e tematicamente até o nível do IP.

À primeira vista, parece haver uma contradição entre cartografia e minimalismo tendo em vista que há mais projeções sintáticas que aquelas projeções básicas (C-T-v-V) para a derivação. Cinque e Rizzi (2008) comentam que o projeto cartográfico não deve ser entendido como um modelo teórico. Neste sentido, a visão mais estrita do minimalismo não é incompatível com a visão cartográfica porque a primeira está interessada em entender como a derivação sintática

procede de maneira mais econômica (nos modelos atuais, com base em apenas duas operações, *merge interno* e *merge externo*) enquanto a cartografia está interessada na arquitetura da faculdade da linguagem, em saber precisamente a hierarquia dos constituintes. Neste sentido, parece não haver nenhuma co-relação entre operações mínimas e poucas projeções; ou seja, o fato de haver apenas duas operações que atuam na derivação sintática não implica que somente haja quatro projeções na arquitetura da faculdade da linguagem.

Contudo a proposta cartográfica, tal como entendo, não implica numa proliferação de projeções sem nenhuma motivação empírica para isso. Cinque e Rizzi (2008) argumentam que a idéia é que para cada traço haja uma projeção funcional correspondente e, mesmo que uma dada língua não exiba visivelmente esse traço, se outras línguas o exibirem, é implícito que as línguas que não o exibem visivelmente também o possuem.

## 6. DESAFIOS CIENTÍFICOS E METODOLOGIA

Este projeto enfrentará desafios de diversas naturezas, a começar pela natureza mesma dos estudos históricos, que são feitos com base no que se tem registrado e preservado do passado. Paixão de Sousa (2006, p. 36) diz:

No caso da documentação sobre as línguas, os dados históricos principais são os registros escritos que chegam até nós. Ora, esses registros representam um fragmento dos acontecimentos. *Mais que isso: um fragmento daquilo que um determinado contexto histórico julgou relevante registrar; que um segundo momento histórico julgou importante preservar; e que um terceiro momento histórico considerou pertinente examinar.* Trazendo esse problema mais para perto, isso significa que como documentação das línguas espanholas medievais temos acesso, hoje, aos fragmentos da língua escrita nas cortes cristãs – por exemplo, os códigos de leis e outros documentos legais; as crônicas históricas dos feitos dos reis cristãos. Importantes e interessantíssimos fatos lingüísticos nos são revelados por estes testemunhos; não podemos esquecer, entretanto, que há todo um universo de fatos lingüísticos contemporâneos a eles, e aos quais não temos acesso por meio de documentação – porque tais fatos nunca foram registrados. Não foram julgados dignos de registro em sua época; ou não foram considerados dignos de preservação.

Um dos pilares básicos, que jamais pode ser esquecido, nos quais se fundamenta a teoria da gramática gerativa é a adequação explicativa, ou seja, em saber como a criança nasce com uma faculdade da linguagem comum a toda espécie humana e consegue adquirir durante os poucos anos de infância uma língua particular, que é diferente de outras línguas particulares. Logo, o objeto de estudo do gerativismo é a mente. Chomsky (1986) propõe a distinção entre língua-I e língua-E. A primeira seria este objeto mental, interno e individual; a segunda seria o fato externo, social compartilhado pela comunidade.

Os estudos gerativistas sobre línguas atuais podem contar com um modelo experimental que recorra à intuição do falante nativo para, assim, determinar as características da faculdade da linguagem e das línguas-I particulares. Os estudos diacrônicos ou sobre sincronias passadas, por outro lado, não contam com essa possibilidade sendo obrigados a recorrer às línguas-E registradas para chegar a uma análise das possíveis línguas-I existentes na antiguidade. Mas, como se sabe, as línguas-E são condicionadas por diversos fatores sócio-culturais que, nem sempre, refletem a intuição do falante, o que desafia a análise lingüística neste modelo mentalista.

Entretanto, ao olharmos para o processo de aquisição da linguagem, observamos que a transmissão de gramáticas não acontece, segundo este quadro teórico que assumimos aqui, diretamente de uma língua-I para outra língua-I. A criança em fase de aquisição da linguagem não tem acesso direto à intuição dos adultos ao seu redor. Pelo contrário, faz uso dos dados que

ouve na língua-E produzida pelos adultos que a rodeiam, buscando pistas que evidenciem os parâmetros, para adquirir e constituir sua própria língua-I.

De acordo com a proposta de Lightfoot (1991) e seus trabalhos posteriores, a mudança lingüística acontece no momento da aquisição da linguagem uma vez que os dados lingüísticos primários aos quais a criança tem acesso se tornaram opacos na exibição do parâmetro fixado pela geração anterior<sup>5</sup>. Podemos concluir, portanto, que o processo de mudança lingüística é idêntico ao processo de aquisição da linguagem e, se as línguas mudaram no passado, é porque os dados se tornaram, por alguma razão, opacos de uma geração para outra. Desta forma, devemos ter em mente que, guardadas as devidas proporções, os textos escritos por uma geração poderiam ser uma representação ou uma aproximação da língua-E à qual a geração seguinte teve acesso para adquirir sua língua-I.

Se estamos assumindo esta proposta, uma boa maneira de procurar explicações para o que aconteceu na história do português e do espanhol é olhar para a aquisição do movimento do verbo em diversas línguas V2 na atualidade e a partir daí voltar para os dados históricos e ver quais evidências eram oferecidas ou não para a fixação de uma gramática V2 naqueles momentos.

No caso do espanhol, há diferentes análises para o contraste entre as duas fases: Rivero (1991) propõe que havia possibilidade de adjunção a X' no espanhol antigo, o que não é possível na atualidade (mais além: está é uma análise muito custosa para o Programa Minimalista); Fontana (1993) assume o movimento do verbo para IP, que se caracterizava como uma projeção sincrética (assim como foi assumido para algumas línguas germânicas simétricas); Pinto (2011) propõe movimento generalizado para CP considerando que o IP deve ser entendido exclusivamente como uma posição argumental. Contudo, a única proposta que avança no sentido de explicar a dinâmica da mudança relacionando os dados com as questões de aquisição parece ser a de Pinto (2011), conforme já indicamos acima.

Com relação ao português, o avanço parece ser um pouco maior que com relação ao espanhol. Embora os trabalhos pioneiros (RIBEIRO, 1995; TORRES MORAIS, 1995 entre outros) apenas sinalizaram uma estrutura gramatical diferente da encontrada na atualidade, outros

---

<sup>5</sup> Roberts e Roussou (2003) e Roberts (2007) fazem uma ampla discussão dessa questão levantando aspectos interessantes, entre eles, a noção de “fixação correta do parâmetro”, que deve ser entendida como fixação convergente com os dados ouvidos e não como fixação correta em relação à língua-I da geração anterior. Além disso, Roberts (2007) pontua que os dados lingüísticos primários podem ser alterados por diversos fatores, entre eles contato lingüístico, erosão morfológica e fonológica. Um dos pontos relevantes para a discussão é também a frequência dos dados: quanto de dado é necessário para que o parâmetro seja identificado e corretamente fixado?

trabalhos, como Galves, Britto e Paixão de Sousa (2005) e Galves e Paixão de Sousa (2011), avançam no sentido de propor uma explicação relacionando a perda do efeito V2 com alterações no ambiente, mais especificamente, com questões de mudança prosódica e colocação dos clíticos.

No entanto, em nenhum dos dois casos (nem do português nem do espanhol), uma explicação da mudança que estivesse efetivamente relacionada com o processo de aquisição da linguagem foi proposta, sendo este o desafio principal que este projeto procurará superar.

Como nosso objetivo principal é analisar a relação da perda do efeito V2 com a emergência das orações subordinadas com “duplo que”, faremos uma análise das orações subordinadas, observando se efetivamente há um acréscimo de orações com “duplo que” e diminuição das orações com movimento do verbo. Paralelamente a isto, observaremos se as orações que exibem movimento do verbo não se incluem nos casos que podem ser gerados tanto por gramáticas V2 como por gramáticas não V2, obscurecendo mais ainda as evidências para as crianças.

Como consequência dessa análise, discutiremos o papel das orações subordinadas no processo de aquisição da linguagem (o gatilho para a perda do efeito V2 no espanhol e no português estaria sendo manifestado nas orações subordinadas). Esta hipótese leva à previsão de que o efeito V2 deve ser perdido primeiro nas orações subordinadas para, posteriormente, ser perdido nas orações matrizes. Cho (1997<sup>6</sup>, apud FERNÁNDEZ-ORDÓÑEZ, 2009) propõe que o espanhol antigo era uma língua V2 assimétrica, ao contrário do que Fontana (1993) e Pinto (2011) procuraram evidenciar. Talvez essa discrepância de resultados se deva a este aspecto da análise.

Por fim, um desafio muito importante que pretendemos vencer é a relação entre diacronia e sócio-história. Mattos e Silva (2008) propõe uma distinção entre lingüística diacrônica, que se deteria exclusivamente às mudanças internas, e lingüística história, que teria uma abordagem mais ampla da mudança lingüística relacionando-a com os fatos sociais<sup>7</sup>. Mais uma vez: se estamos assumindo que o processo de mudança lingüística se dá devido a uma alteração no ambiente lingüístico no qual a criança adquire sua língua, é mister averiguar se essa alteração se

---

<sup>6</sup> Procuramos, para a construção do trabalho de Pinto (2011) ter acesso à tese de Cho (1997) já que tocava em um ponto crucial do trabalho. Contudo, não tivemos acesso a esta tese porque estava numa área restrita da universidade onde fotocópias eram proibidas e o trabalho não está disponível eletronicamente. Tentamos contato com o orientador e o autor, mas não obtivemos êxito.

<sup>7</sup> Isso não quer dizer que toda mudança interna tenha uma motivação social. Mas que pode haver mudanças na estrutura que estejam condicionadas socialmente, como nos casos de contato de língua, mudança na norma de prestígio etc.

dá por uma causa meramente interna à língua (como uma redução de frequência que leva a uma opacidade do parâmetro) ou se há alguma razão externa para essa alteração no ambiente.

Diversos trabalhos mostraram que as línguas românicas antigas apresentaram um processo de competição de gramáticas manifestando uma gramática V2 ao lado de uma gramática não V2 (SALVI, 2001, para as línguas românicas em geral; MENSCHING, no prelo; PINTO, 2011, para o caso específico do espanhol). Pinto (2011) procura relacionar a configuração sintática do espanhol antigo com influências germânicas<sup>8</sup> pensando na hipótese de koineização do espanhol medieval defendida por Tuten (2003) e num processo de transmissão lingüística irregular, como amplamente discutido em Roberts (2007). Contudo, é preciso pensar como essas gramáticas em competição emergiram e como desapareceram ao longo da história do espanhol e do português. E mais: é importante pensar, como sinalizado por Pinto e Antonelli (2011) como as histórias do português e do espanhol se relacionam na perda do efeito V2, já que, como apontam vários trabalhos (LAPESA, 1981; CANO AGUILAR, 1997; MARTINS, 2003), o espanhol/castelhano era uma língua de prestígio em toda a Península Ibérica.

Serão analisados textos do espanhol (alguns dos quais foram utilizados por PINTO, 2011), entre os séculos XIV e XVI, e do português (disponíveis no corpus Tycho Brahe/UNICAMP), entre os séculos XVI e XVIII. Assumimos a proposta de Eberenz (1991, 2009) para a periodização da língua espanhola e a de Galves, Namiutti e Paixão de Sousa (2005) para a periodização do português.

Eberenz (1991, 2009) propõe que o espanhol esteja constituído por apenas duas fases: espanhol antigo e espanhol moderno, com uma fase de transição/variação entre as duas. Eberenz (2009) enfatiza, inclusive, que a periodização de uma língua deve considerar cada nível de análise particularmente, já que, muitas vezes, as mudanças num nível não afetam outro nível de análise. Os textos estudados compreenderão os séculos XIV, XV e XVI por conter um período do espanhol antigo, no qual é possível visualizar claramente uma gramática V2 e o começo do espanhol moderno, no qual já não se registra mais o efeito V2 na língua espanhola, o que nos permitirá observar claramente o momento da mudança, que segundo Fontana (1993) e Pinto (2011) parece ter sido entre os séculos XV e XVI.

---

<sup>8</sup> Esta hipótese é defendida para o francês antigo por Mathieu (2007, 2009), embora o autor se detenha na argumentação de fatos sintáticos semelhantes aos das línguas germânicas atuais.

A história sintática do português, por outro lado, é dividida em três momentos segundo Galves, Namuitti e Paixão de Sousa (2006)<sup>9</sup>. Os textos selecionados do português compreenderão os séculos XVI, XVII e XVIII porque segundo mostram Torres Morais (1995) e Antonelli (2011), a perda do efeito V2 no português parece ter acontecido entre os séculos XVII e XVIII.

---

<sup>9</sup> Martins (2003), comparando a evolução da colocação dos pronomes clíticos na história do português e do espanhol europeus, sintetiza um conjunto de semelhanças sintáticas mais gerais entre as fases antigas das duas línguas e propõe que, em suas histórias, o português avançou um passo à frente do espanhol, especialmente com relação à colocação pronominal. A idéia básica da autora é a de que ambas as línguas se comportavam de maneira bastante semelhante nas suas fases antigas e passaram por uma mudança. O espanhol se manteve com as características desse segundo momento e o português passou por uma nova mudança lingüística diferenciando-se, então, do espanhol.

## 7. RESULTADOS ESPERADOS

Os resultados esperados para este projeto de pesquisa vão em duas direções: uma científica (empírica e teórica, que se relacionam intimamente) e uma tecnológica.

Dos pontos de vista teórico e empírico, muitos trabalhos que discutem a história sintática do português e do espanhol no quadro gerativista (RIVERO, 1991; MARTINS, 2003; PAIXÃO DE SOUSA, 2004, além dos já citados acima e alguns outros) tendem a ser trabalhos comparativos no sentido que se detêm em explicar as diferenças gramaticais e estruturais entre as diversas fases das línguas. Este projeto, considerando o ponto central da teoria da mudança lingüística proposta por Lightfoot (1991, 1998, 2006), procurará explicar COMO a mudança lingüística aconteceu. Além disso, o projeto oferecerá uma visão comparativa da mudança sintática no português e no espanhol, línguas que compartilharam em suas histórias processos sócio-históricos e lingüísticos bastante semelhantes.

Do ponto de vista tecnológico, há uma série de *corpora* diacrônicos do espanhol disponíveis on-line. Contudo, nenhum desses corpora conta com anotação sintática refinada que possibilite efetiva investigação sintática. Considerando toda a experiência adquirida com a anotação sintática do português a partir do corpus Tycho Brahe, coordenado pela Prof<sup>a</sup> Charlotte Galves (UNICAMP), iniciaremos um trabalho de anotação sintática do espanhol a fim de disponibilizar material para análise sintática semelhante à desenvolvida para a história do português. Assim, ao final do projeto, esperamos ter anotados textos espanhóis dos séculos XIV a XVI, que serão ampliados posteriormente em projetos futuros para séculos anteriores.



## 8. CRONOGRAMA

### 1º ao 4º mês

- Revisão de bibliografia sobre a história sintática do espanhol e do português;

### 5º ao 6º mês

- Definição dos textos a serem analisados no espanhol;
- Revisão de bibliografia sobre (aquisição de) movimento de verbo;
- Preparação da primeira parte dos resultados obtida a partir da análise dos dados para apresentação em eventos e elaboração de artigos científicos.

### 7º ao 10º mês

- Revisão de bibliografia sobre mudança lingüística;
- Levantamento dos dados do espanhol e do português;
- Início da anotação sintática do espanhol.

### 11º e 12º mês

- Análise e comparação dos resultados dos dados do espanhol e do português com relação ao movimento do verbo e construções com “duplo que”;
- Anotação sintática do espanhol;
- Preparação da segunda parte dos resultados obtida a partir da análise dos dados para apresentação em eventos e elaboração de artigos científicos.

### 13º e 15º meses

- Revisão de bibliografia sobre a sócio-história do português e do espanhol;
- Anotação sintática do espanhol.

### 16º ao 18º mês

- Reflexão sobre a relação entre aquisição da linguagem e mudança lingüística;
- Anotação sintática do espanhol;
- Preparação da terceira parte dos resultados obtida a partir da análise dos dados para apresentação em eventos e elaboração de artigos científicos.

### 19º ao 21º mês

- Discussão da relação entre a história do português e do espanhol;
- Anotação sintática do espanhol.

### 22º ao 24º mês

- Análise dos dados;
- Revisão geral dos resultados;
- Anotação sintática do espanhol;
- Produção de artigos para divulgação dos resultados gerais obtidos para submissão em revistas especializadas e apresentação de trabalhos em eventos.

## REFERÊNCIAS

- ADAMS, Marianne (1987). *Old French, Null Subjects and Verb Second Phenomena*. Ph.D. Dissertation, University of California.
- ANTONELLI, André (2011). *Sintaxe de Posição do Verbo e Mudança Gramatical na História do Português Europeu*. Tese de Doutorado, Universidade Estadual de Campinas.
- BENINCÀ, Paola (2006). A Detailed Map of the Left Periphery of Medieval Romance. In: ZANUTTINI, Raffaella *et alii* (orgs.). *Negation, Tense and Clausal Architecture: Cross-linguistics Investigations*. Washington: Georgetown University Press, p. 53-86.
- \_\_\_\_\_ (1995). Complement Clitics in Medieval Romance: the Tobler-Mussafia Law. In: BATTYE, Adrian; ROBERTS, Ian (orgs.). *Clause structure and language change*. Nova Iorque, Oxford: Oxford University Press, p. 325-344.
- CANO AGUILAR, Rafael (1997). *El español a través de los tiempos*. Madrid: Arco/Libros.
- CHO, Eunyoung (1997). *La topicalización y sus restricciones sintácticas en la Primera Crónica General de España de Alfonso X*. Tesis Doctoral, Universidad Autónoma de Madrid.
- CHOMSKY, Noam (1986). *Knowledge of Language: Its nature, origin and use*. New York: Praeger.
- \_\_\_\_\_ (1981). *Lectures on Government and Binding*. Dordrecht: Foris.
- CINQUE, Guglielmo; RIZZI, Luigi (2008). “The Cartography of Syntactic Structures”, *CISCL Working Papers*, v. 2, p. 42-58.
- CRUSCHINA, Silvio; SITARIDOU, Ioanna (no prelo). *From Modern to Old Romance: The Interaction between Information Structure and Word Order*. In: GALVES *et alii* (Orgs.). *Parameter theory and linguistic change*. Oxford: Oxford University Press.
- DEMONTÉ, Violeta; FERNÁNDEZ-SORIANO, Olga (2009). “Force and finiteness in the Spanish complementizer system”, *Probus*, v. 21, p. 23-49.
- Den BESTEN, Hans (1989). “On the Interaction of Root Transformations and Lexical Deletive Rules”, *Studies in West Germanic Syntax*, n. 20, p. 14 -100.
- EBERENZ, Rolf (2009). “La periodización de la historia morfosintáctica del español: propuestas y aportaciones recientes”, *Cahiers D'études Hispaniques Médiévales*, n. 32, p. 181-201.
- \_\_\_\_\_ (1991). “Castellano antiguo y español moderno: reflexiones sobre la periodización en la historia de la lengua española”, *Revista de Filología Española*, n. LXXI, p. 79-106.

FERNÁNDEZ-ORDÓÑEZ, Inés (2009). *Orden de palabras, tópicos y focos en la prosa alfonsí*. Universidad Autónoma de Madrid. Citado do Manuscrito.

FONTANA, Josep María (1993). *Phrase structure and the Syntax of clitics in the history of Spanish*. Ph.D Dissertation, Universidade da Pensilvânia.

GALVES, Charlotte; BRITTO, Helena; PAIXÃO DE SOUSA, Maria Clara (2005). “The Change in Clitic Placement from Classical Portuguese to Modern European Portuguese: results from the Tycho Brahe Corpus”. *Journal of Portuguese Linguistics*, v. 4, n.1, p. 39-67.

GALVES, Charlotte; NAMIUTI, Cristiane; PAIXÃO DE SOUSA, Maria Clara (2006). Novas perspectivas para antigas questões: revisitando a periodização da língua portuguesa. In: ENDRUSCHAT, A.; KEMMLER, R.; SCHÄFER-PRIEB, B. (orgs.). *Grammatische Strukturen des Europäischen Portugiesisch*. Turbigen: Calapinus Verlag, p. 45-75.

GALVES, Charlotte; PAIXÃO DE SOUSA, Maria Clara (2011). *The loss of verb-second in the history of Portuguese: Subject position, Clitic placement and Prosody*. UNICAMP/USP. Citado do manuscrito.

GIBRAIL, Alba (2010). *Contextos de Formação de Estruturas de Tópico e Foco no Português Clássico*. Tese de Doutorado, Universidade Estadual de Campinas.

KAYNE, Richard (1994). *The Antisymmetry of Syntax*. Cambridge: MIT Press.

KAYSER, Geoger (1999). A ordem das palavras e a posição do verbo finito no português antigo. In: *Actas do Congresso Internacional Organizado por Motivo dos Vinte Anos do Português no Ensino Superior*. Budapeste: Departamento de Língua e Literatura Portuguesas da Faculdade de Letras da Universidade Etövös Loránd, p. 248-259.

KROCH, Anthony (1989). “Reflexes of Grammar in Patterns of Language Change”, *Language Variation and Change*, v. 1, p. 199-244. (citado do manuscrito)

LAPESA, Rafael (1981). *Historia de la lengua española*. 9 ed. Madrid: Gredos.

LARSON, Richard (1988). “On the double object construction”, *Linguistic Inquiry*, n. 19, p. 335-391.

LIGHTFOOT, David (2006). *How new languages emerge*. Cambridge: Cambridge University Press.

\_\_\_\_\_ (1998). Cue-based acquisition and change in grammars. In: \_\_\_\_\_. *The development of language, acquisition, change and evolution*. Oxford: Blackwell, p. 144-177.

\_\_\_\_\_ (1995). Why UG needs a learning theory: Triggering verb movement. In: BATTYE, Adrian; ROBERTS, Ian (orgs). *Clause structure and language change*. Nova Iorque, Oxford: Oxford University Press, p. 31-52.

\_\_\_\_\_ (1991). *How to set parameters: Arguments from Language Change*. Cambridge, Massachusetts: The MIT Press.

\_\_\_\_\_ (1979). *Principles of diachronic syntax*. Cambridge: Cambridge University Press.

MARTINS, Ana Maria (2003). From unity to diversity in Romance syntax: A diachronic perspective of clitic placement in Portuguese and Spanish. In: BRAUNMÜLLER, Kurt; FERRARESI, Gisella (orgs.). *Aspects of Multilingualism in European Language History*. Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins, p. 201-233.

MATHIEU, Eric (2009). On the Germanic properties of Old French. In: CRISMA, Paola; LONGOBARDI, Giuseppe Longobardi (orgs.). *Historical Syntax and Linguistic Theory*. Oxford: Oxford University Press, p. 344-357.

\_\_\_\_\_ (2007). “À propos des propriétés germaniques de l'ancien français”, *Cahiers linguistiques d'Ottawa/Ottawa Papers in Linguistics*, v. 35, p. 107-136.

MATTOS E SILVA, Rosa Virginia (2008). *Caminhos da lingüística histórica: ouvir o inaudível*. São Paulo: Parábola.

MENSCHING, Guido (no prelo). *Old Romance word order: a comparative minimalist analysis*. In: GALVES et alii (Orgs.). *Parameter theory and linguistic change*. Oxford: Oxford University Press.

PAIXÃO DE SOUSA, Maria Clara (2004). *Língua Barroca: sintaxe e história no português nos anos 1600*. Tese de Doutorado, Universidade Estadual de Campinas.

PINTO, Carlos Felipe (2011). *Ordem de palavras, movimento do verbo e efeito V2 na história do espanhol*. Tese de Doutorado, Universidade Estadual de Campinas.

PINTO, Carlos Felipe; ANTONELLI, André Luis (2011). *La pérdida del efecto de verbo segundo en el portugués y el español antiguos*. In: SIMPOSI INTERNACIONAL DE CORPUS DIACRÒNICS EN LLENGÜES IBEROROMÀNIQUES. Barcelona: Universitat Autònoma de Barcelona.

POLLOCK, Jean-Yves (1989). “Verb movement, universal grammar, and the structure of IP”. *Linguistic Inquiry*, v. 20, p. 365-424.

RIBEIRO, Ilza (1995). *A sintaxe da ordem no português arcaico: o efeito V2*. Tese de Doutorado, Universidade Estadual de Campinas.

RIBEIRO, Ilza; TORRES MORAIS, Maria Aparecida (no prelo). Doubling-que embedded constructions in old portuguese: a diachronic perspective. In: GALVES et alii (Orgs.). *Parameter theory and linguistic change*. Oxford: Oxford University Press.

RINKE, Esther (2009). Verb placement in Old Portuguese. In: DUFTER, Andreas; JACOBS, Daniel (orgs.). *Focus and background in Romance languages*. Amsterdam: John Benjamins, p. 309-332.

RIVERO, Maria Luisa (1991). Clitic and NP Climbing in Old Spanish. In: CAMPOS, Héctor; MARTINEZ-GIL (orgs.). *Current studies in spanish linguistics*. Washington: Georgetown University Press, p. 241-282.

RIZZI, Luigi (1997). The fine structure of the left periphery. In: HAEGEMAN, Liliane (org.). *Elements of grammar*. Kluwer: Dordrecht, p. 281-337.

ROBERTS, Ian (2007). *Diachronic Syntax*. Nova Iorque: Oxford University Press.

\_\_\_\_\_ (2004). The C-System in brythonic celtic languages, V2 and the EPP. In: RIZZI, Luigi (org.). *The Structure of CP and IP. The Cartography of Syntactic Structures*. v. 2. Oxford: Oxford University Press, p. 297-328.

ROBERTS, Ian; ROUSSOU, Anna (2003). *Syntactic change: a minimalist approach to grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press.

SALVI, Giampaolo (2001). The two sentence structures of early Romance. In: CINQUE, Guglielmo; SALVI, Giampaolo (orgs.). *Current Studies in Italian Syntax*. Amsterdam: Elsevier, p. 297-312.

TUTEN, Donald (2003). *Koineization in Medieval Spanish*. Berlin/Nova Iorque, Mouton de Gruyter.

## **O preenchimento de FinP e a perda do efeito V2 na história do espanhol e do português**

Resumo:

Diversos trabalhos durante a década de 1990 mostraram que o espanhol e o português em épocas passadas se assemelhavam às línguas V2 do tipo simétrico, em que o verbo finito era precedido por apenas um constituinte em primeira posição tanto em orações matrizes como em orações subordinadas. Tal restrição não deve, no entanto, ser entendida linearmente mas estruturalmente (V2 indica movimento de verbo para a posição mais alta da estrutura). Recentemente, novas teses foram elaboradas para discutir a questão confirmando a idéia de que o espanhol antigo e o português até seu período clássico possuíam um tipo de gramática V2. Este projeto tem a finalidade de retomar essas teorias e avançar no sentido de explicar como as duas línguas (no caso, o espanhol antigo e o português clássico) passaram de um sistema V2 para um sistema não V2. Para isso, considerando a proposta central da teoria da gramática gerativa de que a mudança lingüística acontece no processo de aquisição da linguagem dada uma alteração no ambiente lingüístico, procuraremos averiguar qual a função ou relação das construções com “duplo que”, que estão em distribuição complementar às orações com movimento “longo” do verbo, na perda do efeito V2 nas duas línguas. O trabalho analisará textos do espanhol dos séculos XIV a XVI e do português dos séculos XVI a XVIII tendo em mente a cronologia da perda do efeito V2 nas duas línguas conforme diversos estudos apontam.

## **The filling of FinP and the loss of V2 effects in the history of Spanish and Portuguese**

### Abstract:

During the 1990's several works had shown that in old stages Spanish and Portuguese had a behavior similar to symmetric V2 languages, where only one constituent could appear before the finite verb, in both matrix and embedded clauses. This constraint must not be understood in linear terms, but in structural terms: V2 designates a syntactic structure where the verb moves to a higher position. More recently new dissertations on the subject have discussed and defended the idea that Old Spanish and Classic Portuguese had a V2 grammar. The goal of the present project is to take those theories under examination and to advance toward an explanation on how these languages went from a V2 system to a non-V2 system. Therefore, we assume the generative hypothesis about linguistic change according to which the change takes place during the process of language acquisition, due a modification in the linguistic environment. We attempt to analyze the role of “double *que*” (double *that*) construction — which are in complementary distribution with “long” verb movement — in the loss of V2 effect in both languages. Taking into consideration the cronology of the loss of V2 effect in both languages, this research will analyze texts from 14th to 16th centuries written in Spanish and from 16th to 18th centuries written in Portuguese.